



PACIFICUS
Jornada de Intrafiscologia

Ana Regina Seno e Marcelo Rouanet*

*Ana Regina Seno

Formada em Letras e pós-graduada em Administração-Contabilidade, colaboradora e docente na ARACÊ.
anaseno@uol.com.br

Marcelo Rouanet

Formado em Farmácia, habilitação em Bioquímica, pesquisador da Conscienciologia e colaborador na ARACÊ.
marcelorouanet@uol.com.br

Palavras-chave

Apego
Desapego
Inter-relações
Manipulação
Poder
Recin

Key-words

Attachment
Detachment
Power
Manipulation
Interrelations;
Intraconsciential Recycling

Palabras-clave

Apego
Despego
Interrelaciones
Manipulación
Poder
Recin

Fontes e Usos do Poder - Superação de Trafares Relativos a Poder

Sources and Uses of Power

Overcoming Power-related Weak Traits

Fuentes y Usos del Poder

Superación de Trafares Relativos al Poder

Resumo:

Este texto enfoca os mecanismos e usos do poder dentro das inter-relações conscienciais na socin – sociedade intrafísica. Busca identificar as duas faces da manipulação, uma das formas de uso do poder, mostrando as visões *cosmoética* e *anticosmoética* do poder. Enfatiza, ainda, o uso da força presencial e do exemplarismo da consciência enquanto ferramentas assistenciais e evolutivas; demonstra, ainda, as imaturidades praticadas pelas conscins (*consciências intrafísicas*), através de seus condicionamentos mesológicos, automimeses pluriexistenciais e auto-corrupções, sem perceberem a possível alavancagem ao fazer uso *pró*-evolutivamente do poder, com elevado nível de cosmoética.

Abstract:

This text focuses on both power mechanisms and power uses within intraphysical society's consciential interrelations. It seeks to identify both sides of manipulation, which is one of the uses of power, presenting both *cosmoethic* and *anticosmoethic* views of power. It exemplifies the cosmoethic use of power by employing moral authority, personal hallmark and exemplarism as assistential evolutionary tools. It lists intraphysical consciousnesses' immaturities through their mesologic conditionings, pluriexistential self-mimicries and self-corruptions. Those consciousnesses do not perceive the possible consciential upgrading following the *pro*-evolutionary, highly cosmoethic use of power.

Resumen:

Este texto enfoca los mecanismos y usos del poder dentro de las interrelaciones conscienciales en la socin – sociedad intrafísica. Busca identificar los dos aspectos de la manipulación, una de las maneras de uso del poder, mostrando las visiones *cosmoética* y *anticosmoética* del poder. Ejemplifica el uso del poder cosmoético en el empleo de la autoridad moral, fuerza presencial y ejemplarismo como herramientas asistenciales y evolutivas. Apunta las inmadureces de las conscins (conciencias intrafísicas), por medio de sus condicionamientos mesológicos, automimesis pluriexistenciales y autocorruptiones, sin darse cuenta de la posibilidad de progreso consciencial al usar *proevolutive* el poder, con elevado nivel de cosmoética.

INTRODUÇÃO

Escolha. A escolha do tema do artigo originou-se da dificuldade encontrada pelos autores nas inter-relações estabelecidas no dia-a-dia, em que se evidenciam conflitos, incômodos, choques de opiniões e processos de competição, nos momentos de colocação de idéias, na explicitação de posturas e na utilização de diferentes técnicas para se realizar algum trabalho, seja na IC (Instituição Conscienciocêntrica), em sala de aula (enquanto docente) ou nas relações familiares.

Objetivo. O objetivo deste artigo é explicitar o mecanismo de poder existente nas inter-relações multidimensionais, das formas mais evidentes às mais sutis e veladas, quase imperceptíveis. Além disso, pretende apontar posturas

a serem recicladas (desapego contrapondo-se ao apego), sugerir maneira de auto-observar os momentos de instalação do mecanismo de poder e propor técnicas de auto-enfrentamento e superação. A finalidade é o alcance do emprego cosmoético do poder, visando a evolução pessoal, assistência e cumprimento da proéxis.

Hipótese. A hipótese apresentada por este artigo é a de que certas condutas e posturas ligadas ao exercício do poder foram desenvolvidas pela consciência no passado, muitas vezes para sobreviver, mas hoje evidenciam traques (traços-fardo), freqüentemente não auto-percebidos em função de mecanismos defensivos conscienciais automáticos, e possivelmente até considerados traques-força (trafores), por si e pelo meio social onde vive, devido a baixo discernimento cosmoético. Apego aos traques configura-se travão evolutivo e indica necessidade de reciclagem, ou mesmo o desenvolvimento de traques conscienciais faltantes – traques!¹.

Metodologia. As metodologias empregadas pelos autores foram: a *autopesquisa* das inter-relações multidimensionais (vivências) com reciclagens e assistência, apoiada em *conteúdos de cursos* (especialmente AST – Autoconscientização Assistencial, da Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACÉ) e *pesquisa bibliográfica*.

Definição. O *apego patológico* é o ato de a consciência aferrar-se a algo ou a alguém de forma excessiva, gerando dependência e interprisão grupocármica, para manter *status* e ganhos secundários consolidando posturas anti-evolutivas, obsoletas, demonstradas nas inter-relações doentias e nas relações imaturas com objetos.

Etimológica. O vocábulo *apego* é formado pela junção do prefixo *a* derivado do Latim, “aproximação” e do termo *peg-* também do Latim, *pix, picis* ‘pez’, “sujar(-se) com breu ou piche, impregnar(-se) de breu ou piche; ter em si, trazer para si; pegajoso”. Surgiu no século XVII. O termo *patológico* deriva do grego *pathologikós, ê, ón* “que trata das enfermidades”, surgido em 1789 na forma histórica *pathologico*.

Sinonímia: 1. Afeição desmedida; afinidade assediadora; amor patológico; encanto mórbido; fascinação cega; interesse robotizado; inter-relação energívora; síndrome da ectopia afetiva. 2. Aferro; amarras; compulsão; dedicação cega; dominação; dependência; evocação obsessiva; fidelidade irracional; interprisão grupocármica; ligação tráfista; possessividade; vínculo anticosmoético.

Antonímia: 1. Altruísmo; amor puro; apego cosmoético; fraternismo; interesse sadio. 2. Abrir mão; acerto grupocármico; anti-posse; anti-propriedade; desapego; desprendimento; interdependência; inter-relação pró-evolutiva; liberação de interprisão; relação sadia; vínculo assistencial.

Definição. O *poder* é a capacidade da consciência de influenciar, dominar ou controlar algo ou alguém, através do exercício de sua vontade, de modo consciente ou inconsciente e de modo cosmoético ou anticosmoético, segundo a intencionalidade associada.

Sinonímia: 1. Arbítrio; acrasia; autocracia; auto-poder; autoridade moral; comando; condução; dominação; governança; liderança; mando; orientação; regência. 2. Influenciação; interferência; manipulação; predomínio. 3. Energia, força bruta, força presencial; potência; vontade inquebrantável.

Antonímia: 1. Acídia; debilidade; comodismo; indolência; ineficácia; inércia; nulidade; preguiça. 2. Aquiescência; arrepsia; decidofobia; dependência; murismo; obediência; titubeação; submissão; subordinação; sujeição. 3. Apatia; fraqueza; impotência; prostração.

Seções. Este artigo compõe-se de 4 seções além da Introdução e Conclusão. São elas: Tipos de Poder; Fontes de Poder; Usos do Poder; e Técnicas de Autoenfrentamento e Superação.

TIPOS DE PODER

Mesologia. A herança cultural do meio social impõe relações interconscienciais baseadas em poder, desde as mais claras, escancaradas, quanto ao emprego da força, até as mais sutis e veladas, onde o uso do poder está subliminarmente embutido ou escondido em falsas aparências de benignidade e humanidade. Listados a seguir, 5 tipos de poder presentes na Intrafísica:

¹ Vieira, Waldo; *Trafalismo*; Tertúlia 06/09/2005; Foz do Iguaçu, PR.

1. Poder coercitivo. A coerção é o domínio estabelecido de um sobre outro através do uso da força bruta ou leis exageradamente rigorosas e unilaterais. Não há diálogo ou acordos entre as partes, simplesmente a imposição da vontade de um sobre o outro, na maioria das vezes explicitamente, onde cada um exerce um papel: dominador-dominado; superior-subalterno; rei-vassalo; amo-servo; assediador-assediado. O único uso apropriado do poder coercitivo é por *necessidade* social, a exemplo de polícia, leis, normas éticas e de convivência.

§ **Exemplos:** absolutismo; cesarismo (imperialismo político); ditadura de Estado ou pessoal; pessoas excessivamente dominadoras ou controladoras. Tais condições ou situações geram e mantêm interprisões grupocármicas.

Trafais: arrogância; egocentrismo; ignorância.

Trafais: cosmoética; diferenciação pensênica; discernimento; inteligência evolutiva.

2. Poder compensatório. Na socin, a relação de poder compensatório baseia-se na troca ou compensação entre as consciências envolvidas, partindo de pré-acordo consciente ou inconsciente, expresso ou não, quanto à prevalência da vontade de um sobre outro, em função de recompensa – benefício pecuniário, afetivo, sexual, comercial, energético – ou punição acenada. Segundo Galbraith (1984, p.25) “é fundamental a relação entre a recompensa oferecida ou a punição acenada e a submissão obtida”.

Ganho. Nas relações inter-pessoais, as consciências sujeitas a esse tipo de poder, em geral mantém apego a algum ganho secundário, não prioritariamente escolhido ou mesmo identificado, mas que de alguma forma alivia e conforta incômodos pessoais.

Exemplos: apresentador de TV-telespectadores; cafetão-prostituta; líder religioso-fiéis; marido-mulher; patrão-empregado; propaganda-consumidor.

Características: troca de interesses, pactos espúrios, uso anticosmoético de certas capacidades e habilidades conscienciais em benefício próprio, segundas intenções, egoísmo, obnubilação evolutiva, foco no ganho secundário.

Exceção. Lembrar, porém, os benefícios mútuos, por exemplo, da dupla evolutiva e da assistência em geral, quando ocorrem doação e recebimento legítimos e cosmoéticos, *sem segundas intenções ou pactos espúrios*.

Trafais: anticosmoética, bifrontrismo, egoísmo, ganância, inautenticidade, murismo.

Trafais: Altruísmo, autoconscientização da Cosmoética, discernimento, intencionalidade hígida, lucidez, universalismo.

3. Poder econômico. Usa-se, ainda, o poder econômico para controlar pessoas e situações. “O poder econômico, de modo específico, não raro está nas mãos de conscins incapazes, doentes e viciadas em dinheiro” (VIEIRA, 1997, p. 100).

Exemplos: controle de pais sobre filhos pelo dinheiro; criação de monopólios e cartéis; domínio de nação sobre outra pelo poder econômico; empresa causando falência de concorrente.

Trafais: corrupção, ganância, imperialismo (econômico), monopólio, sectarismo, suborno, venalidade.

Trafais: altruísmo, autoconscientização da Cosmoética, discernimento, intencionalidade hígida, lucidez, universalismo.

4. Manipulação. A manipulação é manobra pela qual se influencia um indivíduo, uma coletividade, por meio de pressão energética, psicológica e/ou mental, freqüentemente recorrendo-se a ameaça, chantagem, ideologias, suborno, vitimização, entre outros. As inter-relações de manipulação são mantidas por dois tipos de condicionamentos retro-alimentados: os mesológicos e os paragenéticos, analisados a seguir.

Mesológicos. Os condicionamentos mesológicos são difíceis de serem desvendados, pela sutileza, inculcados na educação formal da socin, através da escola, meios de comunicação de massa, abarcando regras, leis, normas de conduta, etiqueta, educação familiar, escolar, religiosa e filosófica, tradições e costumes arraigados, inquestionáveis, transmitidos de geração em geração e constituindo-se “convenção social”. Muitos desses condicionamentos são retroalimentados pela socin ou grupocarma e aceitos pela conscin automimética ou fraca, de modo irrefletido e automático.

Paragenéticos. Os condicionamentos paragenéticos são únicos para cada consciência, adquiridos ao longo de múltiplas existências, contendo hábitos arraigados, robotizados e visões cristalizadas do mundo, de si mesma e de outras consciências do próprio grupocarma.

Comportamentos. A manifestação dessa condição ocorre através das reações automáticas durante as inter-relações, quando a conscin reage a determinada ação/fala/postura de outra irrefletidamente, sem se dar conta de sua própria atitude e comportamento.

Exemplos: achar que sabe o que é melhor para os outros; aplicar ou submeter-se a chantagem emocional; assumir o conjunto de valores culturais do local onde vive; buscar na parceira/companheira, de modo inconsciente, o mesmo modelo-padrão da figura materna; não saber dizer *não*; reproduzir com o marido o mesmo comportamento espelhado da mãe; seguir mesma carreira do pai e do avô; ser mãe por acreditar que a gestação humana é intrínseca à natureza feminina.

Chantagem. A chantagem emocional, um tipo de manipulação, é “forma espúria e egocêntrica de obtenção ou

manutenção de um estado de coisas, que resulta em domínio e controle de uma consciência sobre outra.” A chantagem emocional é atitude essencialmente assediadora, baseada em trafares psicossomáticos e “torna quem a executa uma fonte de energias desequilibradas e tóxicas, que atrai a atenção de consciências extrafísicas interessadas na manutenção desta condição patológica” (VICENZI, 2001, p.89 e 92).

Característica. A manipulação baseada em trafares psicossomáticos constitui inter-relação estabelecida entre conscin/conscin(ns)/consciex(es), em geral baseada na falta de discernimento por parte da conscin submissa ou manipulada que atua como *bucha-de-canhão* sob a influência de assediadores. Nesta relação, em geral, não existe consciência do domínio ou influência, no papel desempenhado, pela falta de lucidez do processo.

Trafares: agressividade; anticosmoética; autoritarismo; calculismo; dramatização; egocentrismo; emocionalismo; exploração (relação ganha-perde); infantilismo; masoquismo; psicopatia; sadismo; satisfação egóica; subjugação; vitimização.

Trafais: auto-enfrentamento; capacidade de recin (*reciclagem intraconsciencial*); cosmoética; discernimento; inteligência evolutiva; lucidez; postura assistencial.

Amparadores. Contudo, existe a manipulação cosmoética, por exemplo a praticada pelos amparadores (intra ou extrafísicos) com foco assistencial e de caráter *traforista*, visando ao esclarecimento (tares – tarefa do esclarecimento), usando o poder ao modo de ferramenta evolutiva com vistas à influência positiva, pró-evolutiva.

Intencionalidade. A manipulação dos amparadores nunca ultrapassa a intencionalidade expressa pela conscin, nem gera estupro evolutivo. Exemplos de manipulação de amparador são: os processos de acoplamento da tenepes (*tarefa energética pessoal*), visando à assistência a consciexes ou conscins projetadas e acertos grupocárnicos; os desbloqueios energéticos visando ao aumento de auto-lucidez da conscin; inspirações e sugestões quanto à condução da proéxis – *programação existencial*.

A MANIPULAÇÃO REALIZADA SEM DISCERNIMENTO E SEM VISÃO DE CONJUNTO EVIDENCIA CARÁTER CONSCIENCIAL RO- BOTIZADO, TRAFARISTA, EM SUB-NÍVEL ASSISTENCIAL.

5. Poder consciencial cosmoético. A consciência, dona de si, autoconsciente de seus trafores e trafares, usa seus atributos mentaissomáticos de forma pró-evolutiva, impulsionada por seu mega-trafor, para executar seus auto-enfrentamentos; promover recins e desempenhar o seu melhor na concretização de sua proéxis. Talvez o único poder realmente legítimo, supondo-se *holomaturidade* nos convívios, seja o *poder de*, não o *poder para*, nem o *poder sobre* outrem. Ou seja, o poder cosmoético sobre si mesmo, *de ser capaz de*, o *poder consciencial*, embasado em *vontade*, *intencionalidade* e *auto-organização*, e na lei geral de evolução.

Exemplos:

§ Conscin com megatrafor na comunicabilidade aplica a tares de modo calculado, ponderando o nível evolutivo das demais consciências, sem estupro evolutivo, reciclando trafares de conflito e intransigência.

§ Conscin com megatrafor na intelectualidade, usa a racionalidade e auto-organização para, por exemplo, tornar-se docente da Conscienciologia, reciclando trafares de autoritarismo e misantropia.

§ Conscin com megatrafor no parapsiquismo, usa as parapercepções e sinalética para assistência, reciclando medos e egoísmo.

Lucidez. Qualquer poder consciencial deve ser vivenciado de modo sereno, sem agressividade *negativa*, competição egóica, megalomanias, triunfalismos ou despotismos, nem depressões ou rancores.

Autoridade. Mesmo no caso da agressividade *positiva*, ao modo de *firmeza*, *domínio energético*, *intervenções* apropriadas, deve-se ponderar sobre a conveniência de deparar-se continuamente com situações de exercício de *autoridade*.

Compensação. Muitas vezes, a “necessidade” de exercício de poder e autoridade deriva de mecanismos de defesa, conforme apresentado no item poder compensatório. É inteligente pesquisar e enfrentar o *trafar* que originou tal tentativa de compensação.

FONTES DE PODER

Consciência. Pela Conscienciologia, o universo é composto basicamente de dois elementos: energia e consciência. Nas inter-relações, a consciência realiza dois movimentos, absorção e exteriorização, em cada qual absorve a energia imanente, por exemplo quando em contato com a natureza, em seguida processa essa mesma energia e transforma-a, impregnando-a com seu holopense (conjunto de *pensamentos*, *sentimentos* e *energia*) pessoal no momento da exteriorização. O pensene exteriorizado para o ambiente e/ou para outras consciências ao redor carrega a informação pensênica pessoal, única, da consciência emissora.

Penzenização. O ato de penzenizar é o poder maior evidenciado pela consciência, cuja qualidade permite a identificação da força presencial pessoal do *Homo sapiens sapiens* (VIEIRA, 2003).

Conscienciometria. A qualidade da energia exteriorizada e emanada pela conscin – *consciência intrafísica* – pode ser medida pela auto-avaliação conscienciométrica, demonstrada nos diferentes níveis de desempenho nas inter-relações diárias, auto e hetero-assistencial, bem como o nível de equilíbrio ou desequilíbrio deixado em qualquer ambiente interagido pela conscin.

Diferenciação pensênica. A autopercepção do padrão holopensênico é ferramenta de autopesquisa. Diferenciar o padrão pensênico hígido, cosmoético, assistencial, característico dos amparadores, do padrão patopensênico dos asse-diadores, guias cegos, e mesmo daquele originado da autopatopensenedade.

Vontade. O verdadeiro poder nasce do uso assistencial feito pela conscin de sua força presencial, de seu poder pessoal de influenciar através de sua pensenedade, de seu exemplarismo e teática de suas idéias, princípios e valores com foco na assistencialidade. Neste sentido, a fonte-mater é a Vontade.

Intencionalidade. A conscin com excesso de *energia* – usina ambulante – apresenta alta capacidade de imposição energética sobre outras consciências, envolvendo suas psicoferas com energia, assistencial ou não. O resultado cosmo-ético vai depender da intencionalidade e da maturidade com que essa conscin expressa sua pensenedade, carregada mais no *ene* (de energia), resultando daí o uso *traforista* (assistencial, com predomínio da taes) ou *trafarista* (assedeador ou assistencialista, com predomínio da tacon) do *poder energético*.

USOS DO PODER

Anticosmoético. Com níveis variáveis de autoconsciência, a maioria das conscins ainda manifesta o poder de maneira predominantemente anticosmoética, evidenciando a obtenção de proveitos próprios, ganhos secundários, sem refletir sobre a repercussão dos atos praticados nas inter-relações. Há reduzido nível de discernimento e pouca maturidade intraconsciencial, pois o foco ainda encontra-se na satisfação do ego.

Cosmoético. Diferente da ética humana, o poder consciencial *cosmoético* é o exercício diário das inter-relações praticadas com visão de conjunto, demonstrado através de atitudes e comportamentos, objetivando o benefício da maioria (“que aconteça o melhor para todos”). Na prática, o uso do poder cosmoético eleva o nível evolutivo das consciências envolvidas, gerando maior equilíbrio, menor entropia e mudança de patamar evolutivo. Neste caso, há maior nível de discernimento, associado à lucidez, com vistas à policarmalidade, buscando-se ficar disponível à multidimensionalidade na condição de isca assistencial.

Sedução. Algumas conscins, em geral do sexo feminino, usam o poder energético demonstrado através do soma e maneirismos sensuais, com intenção de seduzir e dominar o homem, manipulando-o para fins sexuais e/ou outros ganhos. Passa a ser o exercício do poder energético em subnível quando predomina o subcérebro abdominal (VIEIRA, 1994).

Abuso. Quando se usa o poder de forma imatura, praticam-se abusos e excessos nas posturas e comportamentos e tende-se a exercer o domínio e controle sobre outra conscin. Uma forma de reciclar esse comportamento é através do exercício do desapego ao poder, praticando a mudança de postura, abrindo mão de seu controle sobre outra(s) conscin(ns).

Controle. Exemplificado a seguir o binômio poder x controle em 4 instâncias distintas.

1. **Egocármica.** Na vivência egocármica patológica, por exemplo, a conscin utiliza-se de mecanismo defensivo, em geral a projeção, chegando ao ponto de controlar as atitudes, os comportamentos e mesmo as decisões do outro, a fim de proteger-se, sentir-se segura (falsa segurança) e dona de si. Contudo, neste comportamento, a conscin encontra-se encapsulada e indisponível para quaisquer assistências, sejam externa (hetero-assistência) ou interna (auto-assistência), não percebendo que a origem de seus problemas está nela mesma (projeção).
2. **Grupocármica (I).** Na vivência grupocármica familiar, o controle pode ser exercido por quem na socin convencionalmente denomina-se chefe de família, porém, o gosto pelo controle, o apego ao poder, o perfeccionismo, o autoritarismo, são aspectos traforinos desse exercício do poder, cujo desempenho de cada um resulta na criação de rastros antievolutivos. O *mando de campo* do pai sobre o filho, ou da mãe sobre a filha, tem forte apego dentro da socin, sendo aceito como “natural” ou “normal”. Cada papel poderá ser desempenhado de forma antievolutiva ou pró-evolutiva, dependendo do grau de lucidez e discernimento das consciências envolvidas, gerando rastros antievolutivos ou pró-evolutivos.

3. **Grupocármica (2).** Na vivência grupocármica com o grupo evolutivo, observa-se a possibilidade do uso traforista do poder, exercido por aquele componente do grupo com maior visão de conjunto, maior lucidez e discernimento, contribuindo para a superação de trafores individuais dos elementos do grupo, além de favorecer a execução de proéxis individual e grupal.
4. **Policármica.** Na vivência policármica cosmoética, abre-se mão do controle e o uso do poder torna-se assistencial, voltado para a policarmalidade, a melhoria de todos, havendo a expressão máxima da força presencial, na qual a consciência exerce seus atributos de forma cosmoética e em alto nível de discernimento, assistencialidade e fraternismo. Exemplo: serenão. Como contraponto, vale citar a condição policármica anticosmoética, vivenciada por mega-assediador.

Compreensão. A *auto*percepção do trafor “controle”, associado ao poder, ocorre, em geral, através da intervenção assistencial de alguém mais lúcido na inter-relação. A partir da autodescoberta desta característica, apontada por outra pessoa, a conscin adentra o processo de compreensão da própria estrutura pensênica em relação ao poder implícito e presente no ato de controlar. Com isso, tem condições de desconstruir esse mecanismo, que, na maioria dos casos, tem origem *pluri*existencial.

Auto-enfrentamento. O processo de compreensão do tipo de poder usado por ela própria abre caminho para o auto-enfrentamento e entendimento de como a manipulação de seu poder pessoal influencia as escolhas e o crescimento de outras consciências.

Autocorrupção. A autocorrupção é demonstrada quando se foge dos incômodos. A atitude mais comum para não se fazer auto-enfrentamento é fugir. O mecanismo de fuga (negação da realidade) alivia, temporariamente, o incômodo diante daquele trafor que pulsa e emerge constantemente durante as crises recorrentes (VIEIRA, 2003, p.324).

Bolsões. Conforme o conjunto de trafores, a conscin afiniza-se com determinados bolsões holopensênicos, formados por antigos “cúmplices evolutivos” (VIEIRA, 1994, p.626), que ainda estão presos a esses bolsões. Através do padrão pensênico afim, é possível o acoplamento da consciência com estas consciexes direta ou indiretamente, via amparadores, para que mostre a elas o percurso de saída daquele trafor (característico do bolsão) e consiga cancelar a assistência, pela força do exemplarismo da *auto*-superação.

Afinização. No caso do bolsão ligado ao poder, essa afinização acontece fortemente nas conscins com vivências passadas em posição de poder, liderança, domínio, posse, manipulação, controle.

Recin. Quando disposta a mudar, a consciência pode tudo e experimenta o uso de sua vontade e força presencial, com base em seus trafores, para assistir e auxiliar a si mesma e a outras consciências a realizarem suas próprias reciclagens e auto-enfrentamentos. Somente através da recin a consciência pode alterar sua situação de viciada em poder sob a forma de controle.

Apego. A exagerada estima pelo poder gera desequilíbrios nas inter-relações, mantendo interprisões desnecessárias e vínculos conscienciais antievolutivos, aumentando negativamente a conta *grupocármica*. Há maior probabilidade de praticar domínio de maneira assediadora do que exercer influência amparadora.

Guia cego. A predominância do emocionalismo e ausência de discernimento nas inter-relações colocam a conscin no papel de guia cego, influenciando mais do que permitindo o livre arbítrio do outro, induzindo-o, muitas vezes, a fazer escolhas prejudiciais para sua proéxis ou, então, mantendo-o preso a seus próprios trafores, sem reciclá-los.

Imaturidade. Neste sentido, ações tais quais as de guias cegos demonstram o nível de imaturidade e falta de visão de conjunto das conscins, deixando-as em subnível com relação a seus trafores, abafados pela **resistência** a mudanças, recins, crescimento evolutivo.

Desapego. O despojamento íntimo, resoluto, decidido, quanto à necessidade de não gerar apegos materiais e afetivos, leva a conscin ao exercício pleno de seu *auto*-domínio, do desapego aos seus próprios vícios, hábitos, condicionamentos *pluri*existenciais e posturas antievolutivas, anti-assistenciais. A vontade deve ser a única soberana.

Apego-desapego. A vivência diária do binômio apego-desapego enriquece a qualidade das inter-relações, bem

como mede o grau de profundidade das recins oriundas dessa teática. O discernimento na hora da escolha a quem e como se apegar e se desapegar é o balizador da consciência madura, valendo-se de sua inteligência evolutiva, para chegar ao estágio de desperto (*desassediado permanente total*), que se apega às consciexes assediadoras (assimilação) para desapegar-se delas logo em seguida (*desassim*), após assistência e esclarecimentos.

TÉCNICAS DE AUTO-ENFRENTAMENTO E SUPERAÇÃO

Autopesquisa. O processo da *autopesquisa* consiste em identificar, aceitar e assumir o traço-fardo em si mesmo e promover o auto-enfrentamento necessário. Para tanto, o reconhecimento, em contrapartida, dos próprios traços-força auxilia o enfrentamento e superação dos trafores. Agir segundo o emprego de algum traço-força, a exemplo de organização, comunicação, conhecimento, assistência, vontade inquebrantável e outros, é o momento ímpar para a consciência demonstrar a plenitude de sua força presencial, exercendo o poder da forma *traforista* e criando rastros *pró-evolutivos*.

Recin. Com isso, a recin muda posturas e comportamentos, alterando o padrão pensênico da conscin, que evolui e amadurece com os auto-enfrentamentos de traços-fardo inclusive pluriexistenciais. Mais vale uma recin bem sucedida na prática do que milhares de informações em teoria (VIEIRA, 1994). O exemplo deve partir de cada um de nós.

Exemplarismo. O modo mais eficaz e categórico para se praticar a tare é dando o exemplo e não servindo de exemplo para as demais consciências. Feita a recin na prática, as transformações na postura e nas inter-relações da conscin com seu meio, já é o indicador-base de assistência.

Assistencialidade. A realização da proéxis necessita do uso otimizado de nosso poder pessoal, da competência no manejo de nossos atributos (trafores e trafores) em prol da hetero e auto-assistência, indicando que, neste nosso atual estágio evolutivo, predomina a *inter-assistência*.

Teática. Teoria não aplicada pouco vale. O acesso a milhares de informações e teorias, mesmo que corretas, com qualidade, com boa intenção, não garante o crescimento e amadurecimento evolutivos da conscin. Para superação dos traços-fardo, é necessário aplicar a teoria, ter a teática (teoria + prática) do conhecimento acumulado, associado ao abertismo consciencial e neofilia.

CONCLUSÃO

Traforismo. Pela **Recexologia**, o uso do poder *pró-evolutivo* (*visão traforista*) denota maturidade consciencial e propicia a vivência de reciclagens existenciais (*recéxis*), bem como as reciclagens intraconscienciais (*recins*) necessárias para a evolução da consciência.

Complexidade. É bastante complexo o estudo sobre o uso do poder, pois depara-se com diferentes níveis de relacionamentos estabelecidos entre as conscins e consciexes, conforme os rastros evolutivos firmados e resgates do passado, retroalimentados pelos diferentes bolsões aos quais já pertencemos.

Grupocarmalidade. Tal entendimento impele o uso do poder pessoal de forma multifacetada, buscando discernir o nível de abordagem possível com cada consciência, com base nos princípios e diferentes estágios da grupocarmalidade (interprisão, vitimização, recomposição, libertação e policarmalidade) (VIEIRA, 1994, p.626).

Maturidade. A conscin, imbuída da vontade de realizar reciclagens intraconscienciais úteis, avança em sua linha evolutiva, alcançando patamares com maior grau de maturidade cada vez que auxilia no processo assistencial multidimensional, praticando suas próprias recins, e, com isso, desatando laços antievolutivos e estabelecendo rastros *pró-evolutivos*.

Proéxis. No exercício de seu poder evolutivo, contrapondo-o ao poder temporal, consegue intensificar sua competência no desempenho da proéxis planejada (VIEIRA, 2003, p. 1068).

REFERÊNCIAS

1. Houaiss, Antônio; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; LXXXIII + 2922 p.; Objetiva e Instituto Antônio Houaiss; Rio de Janeiro, RJ; 2001.
2. Houaiss, Antônio; *Dicionário de Antônimos e Sinônimos*; 954 p.; Objetiva; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
3. Galbraith, J.Kenneth; *Anatomia do Poder (The Anatomy of Power)*; trad. Hilário Torloni; 205 p.; Livraria Pioneira Editora; São Paulo, SP; 1984.

REFERÊNCIAS DA CONSCIENCIOLOGIA

1. Balona, Málu; *Autocura através da Reconciliação – um Estudo Prático sobre a Afetividade*; 342 p.; 11 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
2. Pinheiro, Lússia. *Simplicidade: Atributo Evolutivo*; Journal of Conscientiology; Revista; Trimestral.; January 2005; Vol. 7; N. 27; International Academy of Consciousness; Londres; 2005; páginas 247-254.
3. Vicenzi, Luciano. *Coragem para Evoluir*; 188 p.; 8 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 2001; páginas. 89 e 92.
4. Vieira, Waldo; *Temas da Conscienciologia*; 232 p.; 90 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1997.
5. Vieira, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1058p.; 700 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; páginas. 583 e 626.
6. Vieira, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; edição Princeps; Rio de Janeiro, RJ; 1999; páginas 37-43.
7. Vieira, Waldo; *Homo Sapiens Reurbanisatus*; 1584 p.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC, Foz do Iguaçu, PR; 2003; páginas. 290 e 1068.

ANOTAÇÕES PESSOAIS

1. *Curso AST – Autoconscientização Assistencial; aula 12*; 2005; São Paulo, SP; ARACE; *Bolsões a serem assistidos: poder e dinheiro.*
2. *Curso para Formação do Conscienciólogo Pesquisador*; módulo I; 2004; São Paulo, SP; IIPC.



PACIFICUS
I Jornada de Intrafisiologia